

ESCOLAS

Os jovens não se estão nas tintas para os outros mas apenas fartos

Extremar o braço-de-ferro com os jovens que agora entram em férias para travar os novos contágios pelo coronavírus poderá “exponenciar a rebelião”, avisam os especialistas

Natália Faria

Os jovens que estão a fazer aumentar os casos de contágio porque se reúnem em festas ilegais e aos magotes nas praias e espaços públicos são os mesmos que, em Março e Abril, cumpriram zelosamente o confinamento, completaram a escolaridade à distância e até se prontificaram a ajudar os mais velhos nas compras. “Não são pessoas que se estejam nas tintas para os outros e para o país”, lembra a psicóloga Margarida Gaspar de Matos. Mas, agora que o desgaste lhes pesa, as aulas acabaram e vêem as praias e os festivais de Verão escapar-se-lhes entre os dedos, mantê-los distantes socialmente exige uma campanha feita à medida.

“Extremar posições ao nível do braço-de-ferro com jovens comporta o risco de uma clivagem social que não interessa a ninguém em termos

de saúde pública”, lembra a docente da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa, para adiantar que a solução poderá passar por criar uma comissão de jovens capazes de, usando a mesma linguagem, fazer passar a mensagem sobre a necessidade de manter o distanciamento social. “Quem pode influenciar os jovens são os jovens como eles, capazes de lhes mandarem mensagens – não mensagens pirosas ou politicamente engajadas que seriam imediatamente proscritas – mas também figuras de prestígio para eles, como, por exemplo, o Cristiano Ronaldo ou o Nuno Markl”, sugere.

O psiquiatra e psicoterapeuta Vítor Cotovio concorda que a melhor forma de “resgatar o propósito intergeracional dos jovens” será por via de campanhas que recorram “aos ídolos que eles imitam e idealizam”. “Se pusermos um velho a dizer que não é *cool* estarmos todos uns em cima dos outros sem máscara, não resulta, mas

podemos pedir a um cantor de *rap* ou de *pop* que se cheguem à frente para isto”, reforça, para acrescentar que, mais do que pelo que ouvem, os jovens se deixam guiar por aquilo que vêem. E, nessa medida, “poderia resultar mostrar-lhes o que está a acontecer nos hospitais, onde os jovens infectados já começaram a chegar, desde que essa comunicação se faça de forma lúcida e não catastrófica”.

Sem travão no cérebro

Nos últimos dias, e um pouco por todo o país, a polícia desmobilizou vários ajuntamentos ilegais de jovens em festas na praia e nos espaços públicos. Em Carcavelos, juntaram-se cerca de mil jovens, num parque de campismo em Grândola uma festa deu origem a pelo menos 20 infectados, numa altura em que são proibidos ajuntamentos com mais de 20 pessoas – num limite que, entretanto, o Governo baixou para dez na região de Lisboa e Vale do Tejo. Nalguns casos, os ajuntamentos provocaram surtos de contágio. Os números da Direcção-Geral de Saúde mostram, aliás, que o número de casos de covid-19 entre os jovens quase duplicou desde o desconfinamento. Entre os dez e os 19 anos, a taxa de crescimento foi de 96,6% desde o dia 4 de Maio até aos dados revelados ontem.

“Eles não saem com a intenção de se infectarem e irem parar a uma unidade de cuidados intensivos. E não podemos pensar que estes miúdos que começaram agora a ir para as praias e para as esplanadas não são os mesmos que em Março ficaram em casa fechadinhos, briosos e solidários”, começa por lembrar Margarida Gaspar de Matos. “A questão é que estes jovens se deixam facilmente levar por um contexto emocional, sobretudo os rapazes e sobretudo na presença de amigos”. Assim se perceberá que, chegados a uma festa convocada pelo Facebook e que deveria juntar 30 pessoas mas que acaba a juntar mais de mil, “os jovens, que até saíram de casa com máscara e para uma praia onde o vírus não anda pro-



priamente aos trambolhões, deixem de conseguir medir o alcance da coisa”, contextualiza a investigadora. Por outro lado, acrescenta o psiquiatra, “o efeito de grupo dilui a culpa e a responsabilidade” individuais.

Se nos lembrarmos, como sublinha ainda Vítor Cotovio, que “a adolescência é quase por definição desconfinamento”, e que “o cérebro executivo” dos jovens, o que toma decisões, só fica desenvolvido depois dos 20 anos de idade, torna-se mais fácil de compreender o desrespeito pelo distanciamento social, mais ainda num contexto de grupo em que a ingestão alcoólica “dilui a travagem do com-

portamento e a capacidade cognitiva”, como lembra, por seu turno, Margarida Gaspar de Matos. “Os adultos vivem com quem escolhem, mas eles, por muito bem que se dêem com os pais, têm os seus objectos de desejo noutro lado: os amigos, os namorados, os festivais, as paixões. E há aqui um ímpeto gregário muito aceso nestas idades”.

Os jovens têm os seus objectos de desejo noutro lado: os

amigos, os namorados, os festivais, as paixões

Sinais contrários

Querer manter a saúde pública por via de um braço-de-ferro com os jovens que viram inviabilizada a “festa de finalistas ou a viagem a Ibiza” pode “exponenciar o sentimento de rebelião” dos adolescentes, avisa Vítor Cotovio. Margarida Gaspar de Matos concorda e acrescenta que o manual de procedimentos a seguir terá de garantir que o nível emocio-



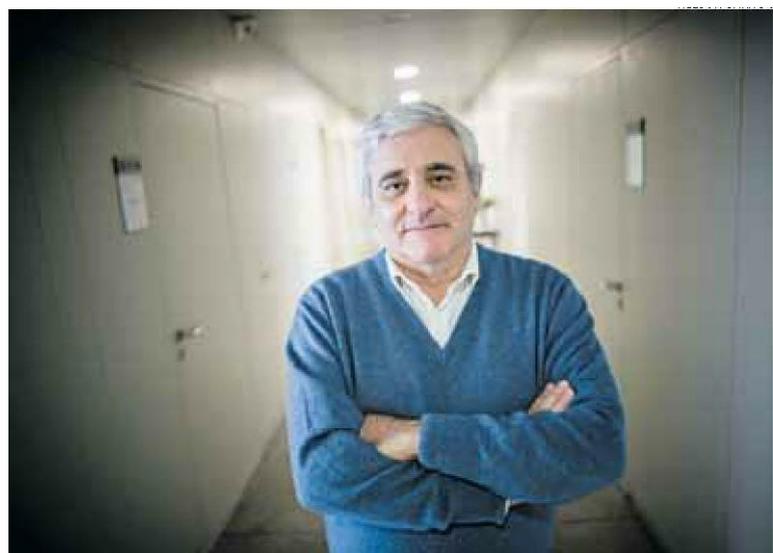
A adolescência é por definição desconfinamento

nal se mantém baixo entre os jovens. “O ‘ar sereninho’ do primeiro-ministro ajuda a não criar tensões com os jovens e a evitar o agravamento da clivagem social, o que é bom porque a activação emocional só faz com que os jovens façam disparates. Eles ficam irritados e, do ponto de vista da anatomia funcional, não têm a maturidade nem o travão quando entram nas chamadas *hot cognitions*, isto é, para os jovens pensarem bem, têm de estar num nível de emocionalidade baixa”, lembra a também coordenadora em Portugal do *Health Behaviour in School-aged Children*. A “comissão de jovens” que, do seu ponto de vista, deveria ser criada ajudaria a substituir a actual sensação de coesão associada à transgressão “por uma outra sensação de coesão, derivada de uma onda de solidariedade nacional à volta dos jovens”.

Recuando algumas semanas, Vítor Cotovio detecta falta de coerência na comunicação que foi sendo feita ao país, nomeadamente porque “não se pode dizer aos jovens que não podem ter festivais de Verão, reservando-nos o direito de fazer manifestações não sei com quantas pessoas”. Para o virologista Pedro Simas, de resto, o relaxamento dos jovens pode não ser mau para a construção da imunidade de grupo, conquanto o aumento dos contágios “não se traduza num descontrolo completo das infecções na sociedade e na sobrecarga do Serviço Nacional de Saúde”. “Se não conseguirmos proteger as pessoas do grupo de risco, é péssimo”, ressalva. Mas “não se pode andar a policiar a sociedade toda e é muito difícil implementar regras que sejam transversais”.
nfaria@publico.pt



Na questão das multidões, a maneira de se controlar isto é como se aprendeu a fazer no futebol e na política: é infiltrar gente que os ajude a decidir



“Nesta doença a compreensão do risco é muito mais complexa e difícil”

Entrevista Natália Faria

Não é preciso nenhuma lupa para perceber que os jovens estão a sair à rua simplesmente porque se fartaram de estar em casa, lembra Henrique Barros, presidente do Conselho Nacional de Saúde e do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto.

Como interpreta o facto de os jovens parecerem estar a sair mais e a desrespeitar as regras?

As pessoas estão fartas de estar confinadas – confinamento, aliás, é um termo que se usava para doentes. E, portanto, entendem-se as razões que possam levar a que haja um desmando e que, sobretudo neste caso, as pessoas se ponham a beber bebidas alcoólicas sem máscara e a cinco centímetros umas das outras.

Devemos estar preocupados?

Na fase anterior às vacinações generalizadas na infância, havia em relação a algumas doenças (que as pessoas erradamente assumiam como pouco graves) uma espécie de entendimento que levava a que fossem encaradas como uma necessidade do crescimento. No sarampo, por exemplo, havia essa ideia de pôr os meninos todos juntos porque mais valia que se infectassem logo. E é esse tipo de discurso que se está a ouvir agora mas que é duplamente precipitado. Primeiro porque não sabemos sequer se a infecção dá imunidade duradoura. E, portanto, não faz sentido estarmos a preparar-nos para ficar defendidos para o resto da vida de uma coisa que não sabemos se nos defende sequer para os próximos seis meses. Em segundo, porque a maior parte das pessoas nestas idades são muito pouco assintomáticas e isto pode querer dizer que estas pessoas que se consideram saudáveis ou têm os sintomas banais, como um cansaço

ou uma tossequeira, podem estar a transmitir a infecção a outras cujo prognóstico pode não ser benigno. É previsível que este tipo de situações leve a um aumento grande do número de casos.

E aí não estaríamos a ganhar a tão falada imunidade de grupo?

Se fosse garantido que se ganhava imunidade, ainda se podia fazer uma espécie de relação entre o que isso nos custava e as vantagens que teríamos. Nas circunstâncias actuais, é simplesmente tonto. O que estes ajuntamentos significam é que não estamos a conseguir fazer compreender às pessoas os riscos que elas estão a correr. Não acredito que as pessoas sejam fundamentalmente más e que queiram fazer mal a si próprias e aos outros; portanto, se elas perceberem, naturalmente que irão proteger-se. Temos de ser claros, objetivos e inequívocos e assumir com honestidade aquilo que não sabemos. Se as pessoas perceberem que nós não sabemos, tenderão a proteger-se.

Mas os jovens não terão sido também eles induzidos na ideia de que se podiam infectar porque estavam fora de perigo, por um lado, e estariam a contribuir para a tal imunidade de grupo, por outro?

Do que eu conheço e do que vou perguntando, a maior parte das pessoas não faz a mais pequena ideia do que é a imunidade de grupo. E, portanto, não é para uma imunidade de grupo que elas vão para a rua. Elas vão para a rua porque estão fartas de estar em casa. Por que é que a gente procura explicações complexas, sofisticadas e estranhas para coisas simples? As pessoas estão fartas de estar em casa. Se elas vissem as pessoas a morrer à volta delas, teriam medo de sair à rua, mas, numa doença que tem 100 ou 200

casos por dia, a maior parte de nós nem sequer conhece ninguém infectado. Portanto, a compreensão do risco é muito mais complexa e difícil. Temos de saber responder a isto.

Onde é que está o equilíbrio?

O equilíbrio está dito: lavar as mãos, etiqueta respiratória, ficar em casa se tiver sintomas, preservar a distância física e evitar aglomerações. Desde que as pessoas metam estas quatro coisas na cabeça, isto funciona. Não é mais nem menos do que isto. Claro que se eu me fechar sozinho em qualquer lado, não infecto. Posso morrer de tédio, de tristeza, de fome ou de cancro; agora fechado, sozinho, não me infecto. Mas isso é vida? A arte da saúde pública está em ser capaz de ir gerindo estas coisas, preveni-las, antevendo. Na questão das multidões, a maneira de se controlar isto é como se aprendeu a fazer no futebol e na política: é infiltrar gente que os ajude a decidir. Porque se alguém for para o meio de uma multidão gritar “matem!”, eles matam, e se disser “rezem!”, eles rezam. Portanto, quando há um ajuntamento destes ou quando se sabe que isto vai acontecer, as estruturas de saúde e da polícia podem, de alguma forma, entrar dentro destas organizações e ajudar, do mesmo modo que num terreno se pode ajudar a água a ir num sentido ou noutro.

Influenciar comportamentos mais do que proibir?

A psicologia há muito que mostra que, sobretudo na gente mais nova, quanto mais se pressiona, numa aproximação de tipo repressivo, mais as coisas acontecem.

Vê razões para preocupação neste planalto que teima em persistir?

Só há planalto na Região de Lisboa e Vale do Tejo. E não vejo, porque



Data: 26.06.2020

Título: Os jovens não se estão nas tintas para os outros mas apenas fartos

Pub:

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Destaque

Pág: 6;7



os números são pequenos. No Grande Porto houve muitos dias em que houve 600, 700, 1000 casos. Em Lisboa anda-se a negociar com 200 ou 250 casos. Ora, isto é manuseável. Se calhar precisamos é de mais gente a trabalhar nisto, da mesma maneira que nos hospitais se puseram

médicos de outras áreas a tratar dos doentes, talvez agora na comunidade se precise de pegar em profissionais de várias naturezas que fariam outras coisas e agora passam a fazer rastreios de contacto, avaliação das cadeias, essas coisas todas. Mas não é nada de amedrontador.

Área: 1222cm² / 65%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6880385